



Barbárie é a **condição daquilo que é selvagem, cruel, desumano e grosseiro**, ou seja, quem ou o que é tido como bárbaro. A barbárie pode ser interpretada como uma ação de extrema violência e agressividade, com o único objetivo de afetar diretamente a paz e a tranquilidade de determinado grupo.

No âmbito da linguística, uma barbárie pode ser o lapso ou erro grosseiro de ortografia ou linguagem, ato este que “fere” as normas básicas da gramática de determinado idioma, por exemplo.

Entre alguns dos principais **sinônimos de barbárie** estão: selvageria, bestialidade, grosseria, ignorância, estupidez, rudeza, crueldade, atrocidade e incivilidade.

Barbárie e civilização são conceitos antagônicos, mas que representam a condição e estrutura de uma sociedade.

A civilização é caracterizada pela **ordem social**, através do uso de leis e normas morais e éticas que ajudam a regular o convívio entre os indivíduos.

Por outro lado, a barbárie consiste no estado de **caos e desordem**, quando não há uma cultura ou um padrão de convívio entre os indivíduos, tornando-os seres cruéis, violentos e ignorantes.

Disponível em <https://www.significados.com.br/barbarie/>. Reproduzido em 15 de junho de 2019.

Mesmo nas sociedades mais avançadas a civilização e a barbárie travaram quedas de braço. Os gregos clássicos do século IV antes de Cristo, que inventaram o pensamento abstrato, colocando a humanidade em um patamar superior, conviviam sem remorsos com a escravidão e o genocídio — as cidades inimigas sitiadas podiam escolher entre a rendição, caso em que apenas os homens adultos seriam mortos, e a resistência, que significava o massacre pela espada de todos: homens, mulheres e crianças.

Na Roma dos Césares, que atingiu um nível de qualidade de vida que só seria equiparado com o advento da Revolução Industrial na Inglaterra dezesseis séculos mais tarde, a diversão mais popular era ver pessoas serem devoradas por leões famintos no Coliseu. As sociedades modernas também foram palco do mesmo fenômeno de contrastes.

No começo dos anos 60, a União Soviética, no auge, foi capaz de colocar um homem em órbita, mas mandava dissidentes para morrer de fome e exaustão do trabalho escravo em infernos na Terra, os “gulags”. Mesmo nos Estados Unidos do pós-guerra, em que pessoas comuns tinham mais luxos do que os monarcas do começo do século XX, o ódio racial separava brancos e negros, que comumente eram alvo de organizações secretas assassinas, sendo a Ku Klux Klan a mais notória. Mas tudo isso é história. A tendência do progresso atualmente é aplainar as diferenças mais gritantes entre os estágios civilizatórios em um mesmo território.

No Brasil não vinha sendo diferente. Mas, de uns tempos para cá, os episódios de barbárie têm sido tão frequentes e crescentemente cruéis que há sinais alarmantes de que o país pode estar vivendo um processo de ruptura social grave, cujo sintoma clássico é o amortecimento das consciências, um transe coletivo em que as pessoas já não se chocam com mais nada.

Adaptado de *Sociedade em estado bruto*. Revista Veja. Edição 2360. 12 de fevereiro de 2014.

Na América Latina, “civilização” e “barbárie” demarcaram muitas disputas durante o processo de construção das identidades nacionais, como retratado pelo clássico *Facundo*, escrito por Domingo Faustino Sarmiento em 1845. Que modelo de sociedade deveria ser seguido? O das elites citadinas, escolarmente

qualificadas, adoradoras da Europa? Ou seria o das elites camponesas, caudilhescas, ancoradas no uso da força e desprovidas de qualificação técnica?

Nos termos de Sarmiento, a civilização ganhou. Nossos países adotaram, ao menos formalmente, o modelo iluminista das sociedades ocidentais. Nele, aquilo que se entende como verdade é verificável e demonstrável por meio da ciência e dos fatos; nele, a racionalidade é um princípio básico e compartilhado, que fundamenta as decisões das atividades políticas e econômicas; nele, os Poderes devem ser divididos e balanceados, para evitar excessos de uma esfera de poder sobre as outras; nele, o governo deve ser eleito pelo povo e deve ser criticável por qualquer pessoa; nele, o valor fundamental e inalienável é a liberdade individual, adquirida através do respeito aos direitos humanos e sempre associado, desde sua criação, ao direito de propriedade. Ninguém, nem mesmo o Estado, pode estar acima da lei. Eis o modelo de sociedade burguesa, liberal, iluminista que brotou na Europa a partir do século XVIII e foi importado para a América Latina ao longo dos últimos dois séculos.

Adaptado de *Civilização e barbárie*. Miguel Lago é cientista político, cofundador da rede Meu Rio e diretor da ONG Nossas. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/civilizacao-e-barbarie/>. Reproduzido em 15 de junho de 2019.

Considerando as ideias apresentadas no texto acima e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **O Brasil do século XXI, entre a civilização e a barbárie.**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Este material está registrado em cartório sob a Lei dos Direitos Autorais. Assim, “é vedada a reprodução deste material — seja para fins didáticos ou comerciais — sem a devida autorização da autora. LEI Nº 9.610, de 19 de fevereiro, 1998.